

**A CRÍTICA BOOKCHINIANA AO MARXISMO: O QUE SE DEVE
PRESERVAR E O QUE SE DEVE SUPERAR**

**BOOKCHIN'S CRITICISM OF MARXISM: WHAT SHOULD BE
PRESERVED AND WHAT SHOULD OVERCOME**

Arthur Guimarães de Oliveira Castro

Mestrado em programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais

RESUMO

Murray Bookchin foi um teórico socialista libertário que se tornou referência na esquerda norte-americana ao longo do século XX. Tendo sido marxista no início da militância política, passou a defender a criação de uma nova teoria revolucionária que incorporasse os elementos positivos do marxismo, mas destacando o que estivesse desatualizado. Sua crítica ao marxismo envolveu três tópicos. Em primeiro lugar, o etapismo histórico, segundo o qual o capitalismo foi uma fase necessária da história humana. Em segundo lugar, a definição do proletariado industrial como a classe destinada a realizar a revolução. Em terceiro lugar, a defesa estratégica da centralização estatal e da disputa do aparato burocrático, fosse pela via eleitoral, fosse pela via revolucionária. Como elementos positivos, Bookchin reivindicou a análise econômica, a dialética, a integração de conhecimentos e a relação entre teoria e prática. Bookchin também defende que Marx seja entendido pelo seu contexto histórico e que muitas correntes marxistas cometem anacronismo.

PALAVRAS-CHAVE

Anarquismo. Socialismo. Comunismo. Marxismo. Teoria Social.

ABSTRACT

Murray Bookchin was a libertarian socialist theorist who became a reference on the American left throughout the 20th century. Having been a Marxist at the beginning of his political activism, he began to defend the creation of a new revolutionary theory that incorporated the positive elements of Marxism, but highlighting what was outdated. His critique of Marxism involved three topics. Firstly, historical stageism, according to which capitalism was a necessary phase of human history. Secondly, the definition of the industrial proletariat as the class destined to carry out the revolution. Thirdly, the strategic defense of state centralization and the dispute with the bureaucratic apparatus, whether through electoral or revolutionary means. As positive elements, Bookchin claimed economic analysis, dialectics, the integration of knowledge and the relationship between theory and practice. Bookchin also argues that Marx be understood in his historical context and that many Marxist currents commit anachronism.

KEYWORDS

Anarchism. Socialism. Communism. Marxism. Social Theory.

A CRÍTICA BOOKCHINIANA AO MARXISMO: O QUE SE DEVE PRESERVAR E O QUE SE DEVE SUPERAR

INTRODUÇÃO

Murray Bookchin foi um teórico revolucionário que se tornou uma referência para o campo libertário na segunda metade do século XX. Inicialmente marxista, ele foi se distanciando dessa tradição socialista até que, nos anos 60, passou a se declarar anarquista. A presente pesquisa pretende abordar a compreensão sobre o marxismo na obra bookchiniana, tanto o que foi considerado positivo quanto negativo (BIEHL, 2015). Para entender as críticas de Bookchin ao marxismo, é importante compreender que as posições dele mudaram ao longo do tempo. Em escritos mais antigos, que podem ser classificados como pertencentes à fase anarquista inicial, como *Listen, Marxist!*¹ (1969) e *Marxism as Bourgeois Sociology*² (1979), ele adotava um tom mais crítico, devido, principalmente, as disputas políticas que travava; a partir dos anos 90, sua postura foi se tornando mais amigável. A resposta para essa mudança pode ser localizada em sua reação a cada conjuntura de cada época. Entre as décadas de 50 e 80, o mundo vivia na Guerra Fria, que opunha dois blocos, um representado pela União Soviética e o outro pelos Estados Unidos. Nesse contexto, o marxismo e os partidos comunistas possuíam muita força e eram adversários ao pensamento libertário de Bookchin (BOOKCHIN, 1999).

Contudo, a partir dos anos 90, com a crise do socialismo real, Murray Bookchin passou a lidar com uma contrarrevolução que arrastou a maior parte da esquerda para o liberalismo. Não foram poucos os que passaram a rejeitar o comunismo associando-o ao stalinismo e decidiram adotar um viés social-democrata. Vários fizeram carreira acadêmica proclamando uma suposta morte da esquerda, sendo uma parte deles composta por antigos maoístas quando jovens e que depois se tornaram pós-modernos. Também existiam aqueles que se diziam socialistas, mas que, alegando estarem conformados de

¹ Bookchin explicou que escreveu *Listen, Marxist!* em resposta à infiltração do *Progressive Labor* nos espaços de militância com a única finalidade de recrutar membros, uma prática que definiu como “típica operação de caráter stalinista” (“*typical Stalinist-type operation*”). Havia outros dois grupos de caráter maoísta, o RYM 1 e o RYM 2, que também realizavam essa disputa. Neste cenário, Bookchin participou do grupo *Anarchos* para organizar uma contraposição. Bookchin definiu os três grupos maoístas como uma forma de marxismo vulgar (BOOKCHIN, 1999).

² Sobre o escrito *Marxism as Bourgeois Sociology* (1979), Bookchin estava tentando afirmar a importância do debate ecológico nos espaços de esquerda, inclusive resgatando a preocupação do jovem Marx em harmonizar a humanidade com a natureza. Surgiam, porém, correntes marxistas que tentavam repaginar Marx como um ecologista, atribuindo a seu pensamento uma perspectiva que nele não havia. Marx, em particular em sua fase pós-juventude, entendia a natureza como um mundo externo a ser dominado pelo ser humano. Não havia em suas ideias uma preocupação para com os atuais problemas ambientais. (BOOKCHIN, 1999).

que não verão o socialismo em suas vidas, deixaram de se dedicar na construção de uma revolução socialista. Ironicamente, Bookchin declarou que

O que me surpreende é que, especialmente desde a queda do muro de Berlim, muitos autoproclamados esquerdistas acreditam que a esquerda está morta. Se pudéssemos reunir todas essas pessoas, teríamos um número suficiente delas para formar um movimento de esquerda considerável (BOOKCHIN, 1999:303).

O presente artigo, buscando compreender a análise de Bookchin sobre o marxismo, vai partir de seus últimos escritos, onde o próprio oferece uma proposta de como interpretar seus textos mais antigos, para compreender a totalidade de seu pensamento sobre Marx e o movimento marxista em geral.

MARX, O DESENVOLVIMENTO CAPITALISTA E O *ETAPISMO* HISTÓRICO

Em primeiro lugar, Bookchin rejeitou a compreensão *etapista* do marxismo. O capitalismo, que surgiu na Inglaterra e, posteriormente, na Itália e nos Países Baixos, na opinião de Bookchin, não estava determinado a ocorrer. Os fatores econômicos de fato são relevantes, no entanto, foram precisos elementos culturais próprios do período medieval para que o desenvolvimento³ do sistema capitalista ocorresse como conhecemos. Assim, para Bookchin, elementos de caráter econômico e cultural deveriam estar presentes para que o acúmulo de capital passasse a ser o objetivo do novo sistema emergente. Ao afirmar que o desenvolvimento econômico e industrial segue uma linha linear, os fundadores do marxismo flertaram com posições eurocêntricas e coloniais, chegando a encarar de maneira positiva a colonização europeia sobre outros continentes (BOOKCHIN, 1980: 1982).

Murray Bookchin, no entanto, defendeu que era preciso compreender Marx e sua teoria sob à luz de sua própria época. O erro da maioria dos marxistas, constatou, era o

³ Marx entendia a economia como uma infraestrutura e tudo o mais - costumes, Direito, religião, etc. - como superestrutura. Contudo, esse entendimento é limitado. A infraestrutura não explica, por si só, porque o capitalismo não se desenvolveu na Roma Antiga - havia abundância material para enriquecer um setor de comerciantes. A explicação se encontra na superestrutura: os comerciantes romanos estavam imbuídos pelos valores nobiliárquicos dos donos de terra. Era preciso que uma nova moral favorável ao comércio estivesse presente. Durante a Antiguidade e a Medievalidade, aqueles que acumulavam capital quase sempre o utilizavam para comprar títulos de nobreza e ascender socialmente, e não para investir em máquinas e produção. Da mesma forma, certas tecnologias, como a máquina a vapor, já existiam na antiguidade, mas não existia uma cultura voltada a busca pelo lucro que estimulasse o seu uso para o acúmulo cada vez maior de capital (BOOKCHIN, 1999).

de idealizar⁴ a produção marxiana, tratando as obras do socialista alemão como universais e eternas, quase em um caráter religioso que o próprio Marx nunca defendeu.

A ideia de que um homem cujas maiores contribuições teóricas foram feitas entre 1840 e 1880 pudesse “prever” toda a dialética do capitalismo é, à primeira vista, totalmente absurda. Se ainda podemos aprender muito com as ideias de Marx, podemos aprender ainda mais com os erros inevitáveis de um homem que foi limitado por uma era de escassez material e por uma tecnologia que mal envolvia o uso de energia eléctrica. (BOOKCHIN, 1986: 200).⁵

Para Bookchin, era compreensível que Marx, dado o contexto de sua época, tivesse uma perspectiva entusiasmada em relação à industrialização e ao desenvolvimento tecnológico. A medicina ainda estava em seu início, a doença e a fome eram problemas crônicos na sociedade e o próprio Marx viu a maior parte de seus filhos morrerem por causas que, nos dias de hoje, seriam evitáveis. O avanço da tecnologia era, compreensivelmente, entendido como um avanço da humanidade contra a brutalidade da natureza (BOOKCHIN, 1999). Contudo, isso evidencia que o marxismo, em sua gênese, não poderia ter se desenvolvido com uma mentalidade ecológica, como tentaram afirmar os defensores do ecossocialismo marxista⁶. Pelo contexto histórico em que surgiu, a teoria marxista esteve imbuída de uma noção de controle do ser humano sobre a natureza externa, que resvalou na postura do marxismo soviético de apoiar uma industrialização massiva sem levar em conta os riscos ecológicos⁷ dessa prática (BOOKCHIN, 1980: 1982). Pois,

Marx desenvolveu a noção de que o desenvolvimento do capitalismo a partir do feudalismo europeu era inevitável e que o desenvolvimento era uma pré-condição indispensável para a emergência do socialismo. Especificamente, ele pensava que os países industrialmente subdesenvolvidos teriam de passar por uma fase burguesa de desenvolvimento antes de poderem esperar colocar o socialismo na sua agenda revolucionária - uma visão que, em retrospectiva, foi um dos seus maiores erros: forneceu a razão para a papel regressivo

⁴ “Tentativas recentes dos neomarxistas de infundir um significado psicológico, cultural e linguístico no marxismo desafiam-no nos seus próprios termos, sem lidar abertamente com a sua natureza mais íntima. Conscientemente ou não, eles partilham o papel mistificador do marxismo, por mais útil que o seu trabalho possa ser em termos estritamente teóricos. Na verdade, no que diz respeito à metodologia científica, Marx pode ser lido de muitas maneiras” (BOOKCHIN, 1980: 197).

⁵ Tradução nossa

⁶ “Mas na maior parte, como vimos, as percepções econômicas do marxismo surgiram em uma era de capitalismo industrial emergente no século XIX. Brilhante como teoria das pré-condições materiais para o socialismo, não abordou as forças ecológicas, cívicas e subjetivas ou as causas eficientes que poderiam impelir a humanidade para um movimento de mudança social revolucionário. Pelo contrário, durante quase um século o marxismo estagnou teoricamente. Os seus teóricos ficaram muitas vezes intrigados com os desenvolvimentos que passaram por ele e, desde a década de 1960, acrescentaram mecanicamente ideias ambientalistas e feministas à sua perspectiva operária estereotipada” (BOOKCHIN, 2015: 22. NT).

⁷ “Minhas críticas naquele ensaio - como chamar a obra de Marx de uma ‘mistificação sutil do capitalismo’ e de ‘a mais sofisticada ideologia do capitalismo de Estado’ - podem parecer duras, mas fui obrigado a demonstrar que quando se tratou da espoliação da biosfera, o marxismo concordou com o capitalismo nessa questão” (BOOKCHIN, 1999: 266).

desempenhado pelos social-democratas alemães na sua revolução de 1918 e pelos mencheviques russos em 1917 (BOOKCHIN, 1999:267).

Bookchin reconheceu que, em certas ocasiões, Marx foi ambíguo, e chegou até mesmo a concordar que em alguns cenários, como na Rússia, seria possível pular a fase burguesa. Contudo, a interpretação hegemônica posterior dos marxistas foi a da necessidade de uma etapa capitalista (BOOKCHIN, 1999).

O PROLETARIADO INDUSTRIAL E O SUJEITO REVOLUCIONÁRIO

Bookchin avaliou que, em *A Sagrada Família*, Marx e Engels trataram o proletariado como instrumento da história. Em escritos posteriores, Marx resumiu a vida real do proletariado à desumanização que sofrem sob o Capital. Muitos marxistas posteriores, como os stalinistas e os simpáticos à obra de Althusser, encararam, conseqüentemente, o proletariado de uma perspectiva mecânica e instrumental. Mas a partir de outras obras, como os *Manuscritos Econômicos e Filosóficos de 1844*, foi possível observar uma maior ênfase em seu aspecto humanista. Esse humanismo marxista também foi reforçado pela interpretação de Herbert Marcuse. Bookchin considerou possível dizer que nos poucos anos anteriores a sua morte, sob influência de Lewis Morgan, vinha se tornando cada vez mais flexível em sua análise teórica (BOOKCHIN, 1999).

Marx afirmava que o ser humano em uma sociedade socialista/comunista iria construir para si uma mentalidade diferente da atual em face de seus novos dilemas. Contudo, isso nunca impediu Marx e Engels de observarem a imoralidade do capitalismo durante a Revolução Industrial e a situação de precariedade que a classe trabalhadora estava vivendo. Eles atribuíram elementos éticos ao comunismo futuro, como um senso de cooperação profundo baseado na prioridade da necessidade sobre o trabalho. Essa preocupação com a vida das pessoas, no direito das crianças e no bem-estar geral, é uma forma de ética não restrita a economia. Baseando-se em Hegel, Marx definiu *liberdade* (*freedom*) e *autoconsciência* (*self-consciousness*) como atualização das potencialidades humanas. O comunismo seria a saída da pré-história da humanidade. Porém Marx não desenvolveu um aprofundamento sobre ética, o que permitiu que o stalinismo reinterpretasse essa discussão a sua maneira. Enquanto as condições materiais não forem atendidas, argumentaram os stalinistas, não seria necessário se atentar aos elementos éticos, portanto quaisquer crueldades seriam justificadas (BOOKCHIN, 1999).

Marx e Engels acreditaram, diante dos conflitos sociais entre trabalhadores e patrões que testemunhavam, que os interesses econômicos opostos impulsionariam “o

proletariado à ação revolucionária” (BOOKCHIN, 1986:206). A competição constante entre capitalistas iria obrigar uma redução de preços de suas mercadorias, o que resultaria em uma “redução contínua dos salários e ao empobrecimento absoluto dos trabalhadores” (BOOKCHIN, 1986: 206).

No entanto, nem Marx e nem Engels podiam prever:

Que o capitalismo se desenvolveria não só do mercantilismo para a forma industrial dominante da sua época – dos monopólios comerciais apoiados pelo Estado para unidades industriais altamente competitivas – mas, além disso, que com a centralização do capital, o capitalismo regressaria às origens mercantilistas em um nível mais elevado de desenvolvimento e reassumisse a forma monopolista auxiliada pelo Estado. A economia tenderia a fundir-se com o Estado e o capitalismo começaria a “planear” o seu desenvolvimento em vez de o deixar exclusivamente à interação da concorrência e das forças de mercado. É certo que o sistema não aboliu a luta de classes tradicional, mas conseguiu contê-la, utilizando os seus imensos recursos tecnológicos para assimilar os setores mais estratégicos da classe trabalhadora (BOOKCHIN, 1986:207).

Bookchin criticou a concepção do *proletariado industrial como o sujeito revolucionário*. A crença, que arrastou boa parte do marxismo, de que imperativos econômicos estimulariam um acirramento na luta de classes e, por conseguinte, uma revolução, se mostrou equivocada⁸. Em meio ao ambiente fabril, “a produção capitalista não só renova as relações sociais do capitalismo a cada dia de trabalho, como observou Marx, mas também renova a psique, os valores e a ideologia do capitalismo” (BOOKCHIN, 1986: 206). O proletariado industrial não se tornou revolucionário, ao contrário, sua luta serviu apenas para que o capitalismo incorporasse suas demandas em sua estrutura social.

É importante levar em contato, ressaltou Bookchin, que, entre os séculos XIX e XX, o sistema capitalista esteve associado a indivíduos reais - J.P. Morgan, Rockefeller, Andrew Morgan, Henry Ford - e não com corporações abstratas e impessoais, como é na atualidade. O mal era personificado, identificado de maneira concreta e objetiva. Além disso, a classe assalariada era, em geral, associada a poucos ramos de trabalho: a indústria, a agricultura, a mineração e o transporte de mercadorias. Quase toda a esfera do “consumo” – a vida particular, as relações comunitárias, a família – existia em separado do trabalho assalariado.

⁸ “O que estou dizendo é que as condições suficientes para a mudança social são mais do que estritamente econômicas e envolvem questões como organização, política, instituições democráticas, ética e, sim, tradições, expressão intelectual, esperanças e aspirações para uma vida melhor” (BOOKCHIN, 1999:276).

Assim, tínhamos dois mundos em forte tensão um com o outro: um mundo antigo, pré-industrial e, ao mesmo tempo, intensamente consciente de classe, e um mundo capitalista industrial que, embora fizesse parte da vida, nunca foi a totalidade da vida. Dois mundos distintos estavam separados um do outro, ‘olhando-se’ cautelosamente, por assim dizer, reconhecendo os lugares onde um poderia invadir o outro. Sem o conhecimento da maioria dos marxistas da época, estava em curso um conflito ainda mais básico do que aquele entre trabalho assalariado e capital: o conflito entre a sociedade tradicional e a economia capitalista industrial que começava a invadi-la.” (BOOKCHIN, 1999:22).

Esse capitalismo, que era organizado e estruturado em geral no campo da produção, depois das grandes guerras mundiais, passou por uma transformação, “criando novas e amplas questões sociais com extraordinária rapidez, questões que iam além das tradicionais exigências proletárias por melhores salários, horários e condições de trabalho” (BOOKCHIN, 2015:19-20).⁹ O sistema capitalista se expandiu para além da esfera produtiva, se inserindo no consumo, o que resultou no fenômeno consumista a partir das décadas de 50 e 60.

Embora na época de Marx, e na minha juventude, o proletariado industrial pudesse facilmente ter sido considerado como a classe hegemônica na luta pelo socialismo, hoje o proletariado [industrial] já não se considera uma classe de oposição à sociedade burguesa. Embora fosse impossível fazer qualquer revolução sem o apoio dos trabalhadores na produção industrial, o proletariado [industrial] já não pode ser apontado como a classe dirigente capaz de iniciar e conduzir uma revolução até ao seu fim, como Marx supôs uma vez. Foi em grande parte economicamente integrado na ordem industrial burguesa, numa extensão que nenhum de nós, antes da Segunda Guerra Mundial, poderia ter imaginado (BOOKCHIN, 1999:264).

Além disso, contrariando as “expectativas de Marx, a classe trabalhadora industrial está agora a diminuir em número e a perder constantemente a sua identidade tradicional como classe” (BOOKCHIN, 2015:19). Bookchin reafirmou, diante de acusações que sofria, que nunca rejeitou a existência da luta de classes¹⁰, e que ela continua sendo o conflito estrutural da sociedade capitalista. Contudo, a fragmentação do trabalho e a expansão capitalista para a esfera privada e de consumo resultou no aparecimento de inúmeras outras pautas (gênero, raça, meio urbano e meio rural, etc.).

A CENTRALIZAÇÃO ESTATAL E A ESTRATÉGIA PARLAMENTAR

⁹ Tradução nossa.

¹⁰ Bookchin afirmou que os seus conceitos de dominação e de hierarquia não substituem o uso do conceito de classe para a análise social. A sociedade capitalista é uma sociedade de classes, assim como outras sociedades antes dela - a “asiática”, a feudal e a escravista. A exploração econômica do trabalho é real e influencia os conflitos sociais, mas nem todas as hierarquias implicam, necessariamente, no acúmulo de bens materiais. Bookchin tentou expandir o horizonte do conceito de liberdade, da mesma forma que Marx tentou fazer ao denunciar os limites da liberdade republicana (BOOKCHIN, 1999).

A interpretação por parte de Marx e de Engels sobre as transformações sociais que ocorriam com o processo de industrialização também impactaram o seu entendimento a respeito do aparecimento dos Estados nacionais.

Até meados da segunda metade do século XIX, a Alemanha e a Itália estavam divididas numa infinidade de ducados, principados e reinos independentes. A consolidação destas unidades geográficas em nações unificadas, acreditavam Marx e Engels, era uma condição *sine qua non* para o desenvolvimento da indústria moderna e do capitalismo. O seu louvor ao centralismo foi engendrado não por qualquer mística centralista, mas pelos acontecimentos do período em que viveram – o desenvolvimento da tecnologia, do comércio, de uma classe trabalhadora unificada e do Estado nacional. A sua preocupação a este respeito, em suma, é com a emergência do capitalismo, com as tarefas da revolução burguesa numa era de inevitável escassez material (BOOKCHIN, 1986:231).¹¹

Bookchin apontou a problemática da *centralização estatal* no marxismo, e suas principais consequências, o stalinismo e a social-democracia.

Como meio de transição do capitalismo para o socialismo, Marx confiou muito no Estado. Ele pensava que um Estado centralizado seria necessário como sucessor do Estado burguês, e que um partido dos trabalhadores deveria governar o novo Estado no interesse da sociedade como um todo. Marx chamou este Estado, como sabemos muito bem, de “ditadura do proletariado”. Na verdade, ele próprio usou essa frase com muita parcimônia; foi Lenin quem a utilizou repetidamente e, claro, os estalinistas que a tornaram equivalente a um Estado totalitário. Mas o que Marx parece ter tido em mente era um sistema republicano modelado, em muitos aspectos, na república jacobina de 1793 e 1794, embora sem o Terror de Robespierre (BOOKCHIN, 1999:291).

Os teóricos alemães, de certa maneira, tentavam estabelecer uma analogia entre a transição do feudalismo para o capitalismo e a futura transição do capitalismo para o socialismo. Contudo, ao longo do estabelecimento do sistema capitalista na Idade Moderna, a burguesia já controlava a estrutura econômica da sociedade, permitindo que a transição de poder da classe nobiliária para a classe burguesa ocorresse quase que naturalmente. A classe trabalhadora, por outro lado, na atualidade, não detém os meios de produção e, portanto, a conquista do poder político pela burguesia não pode ser simplesmente emulada pelo proletariado (BOOKCHIN, 1980).

É possível compreender o pensamento de Marx a respeito da necessidade de centralização estatal. Em sua época, a Europa se encontrava fragmentada e, em particular na Alemanha, por diversos ducados e principados. A unificação nacional, em sua perspectiva, soava como um avanço histórico. Entender Marx não é concordar com sua análise, e Bookchin desenvolveu sua crítica em *The Third Revolution* e *From*

¹¹ Tradução nossa.

Urbanization to Cities. Marx entendia que a revolução era necessária na maior parte da Europa, mas apontou a possibilidade de que a estratégia parlamentar poderia garantir uma transição pacífica na Inglaterra, nos EUA e nos Países Baixos. Posteriormente, Engels acrescentou a França. Essa posição permitiu que o Partido Social-Democrata da Alemanha defendesse o mesmo. No fim da vida, Marx foi dúbio. Ele elogiou a Comuna de Paris e manifestou simpatias em relação a um modelo federalista, mas depois retrocedeu para a defesa de uma república. Por outro lado, ele adotou uma postura flexível sobre uma revolução camponesa na Rússia.

Este legado político ambíguo que Marx deixou fomentou diversas tendências nos movimentos marxistas, especialmente na Alemanha e na Rússia. Por um lado, o seu estatismo e parlamentarismo, permitiram aos social-democratas alemães apelar à legislação do socialismo através de meios parlamentares. Por outro lado, com base no período comunalista de Marx, Lenin poderia apelar a um “Estado-comuna” baseado em sovietes, que se aproximariam da democracia direta através de conselhos; estes sovietes surgiram em 1905 e em 1917 e, no início de 1918, deram origem a uma estrutura elaborada, em todos os níveis da sociedade: em bairros, bairros, cidades, regiões e no exército (BOOKCHIN, 1999: 293).

O marxismo produziu duas tendências, uma estatista e uma comunalista, que se enfrentaram nas Revoluções Russa e Alemã. Na Rússia, o resultado foi a centralização bolchevique e o encerramento dos sovietes. Na Alemanha, a social-democracia reprimiu a ala revolucionário e instaurou a República de Weimar.

Assim sendo:

Anarquistas como Bakunin e Kropotkin, no entanto, não estavam de forma alguma, errados ao criticar Marx pela sua ênfase no centralismo e nas suas noções elitistas de organização. O centralismo foi absolutamente necessário para os avanços tecnológicos no passado? O Estado-nação era indispensável à expansão do comércio? O movimento dos trabalhadores se beneficiou da emergência de empresas económicas altamente centralizadas e do Estado “indivisível”? Tendemos a aceitar estes princípios do marxismo de forma demasiado acrítica, em grande parte porque o capitalismo se desenvolveu dentro de uma arena política centralizada. Os anarquistas do século passado alertaram que a abordagem centralista de Marx, na medida em que afetava os acontecimentos da época, fortaleceria tanto a burguesia e o aparelho de Estado que a derrubada do capitalismo seria extremamente difícil. O partido revolucionário, ao duplicar estas características centralistas e hierárquicas, reproduziria a hierarquia e o centralismo na sociedade pós-revolucionária. (BOOKCHIN, 1986:234-235).¹²

No contexto eleitoral, o partido¹³ marxista, apostando na via eleitoral, “modela-se completamente nas formas burguesas existentes e até adquire a parafernália do partido

¹² Tradução nossa.

¹³ “O fato é que as vanguardas existem, queiramos ou não. Algumas pessoas sempre estarão mais avançadas em sua compreensão política do que outras. Não faz sentido nos enganarmos pensando que o campo de

eleitoral” (BOOKCHIN, 1986: 219)¹⁴. Bookchin constatou a tendência das principais e maiores correntes históricas do marxismo, “como a social-democracia e o eurocomunismo, para uma cumplicidade aberta com a estabilização [...] do capitalismo” (Bookchin, 1980: 195).¹⁵

Por fim, diante dos marxistas que alegam que todos os problemas do marxismo são frutos de vulgarizações e distorções, Bookchin afirmou que são tentativas de obscurecer as contradições da teoria marxista. Afinal, “o que pode parecer ‘vulgarizações’, ‘traições’ e manifestações burocráticas [...] pode revelar-se o cumprimento dos seus princípios à luz fria do desenvolvimento histórico” (BOOKCHIN, 1980: 196).¹⁶

CONTRIBUIÇÕES FUNDAMENTAIS DA TEORIA MARXISTA

Para Murray Bookchin, o marxismo não deveria ser rejeitado, mas superado dialeticamente.

Uma vez compreendido isto, é possível colocar o legado teórico de Marx numa perspectiva significativa – separar as suas ricas contribuições das suas amarras historicamente limitadas, na verdade paralisantes, no nosso próprio tempo. A dialética marxista, os muitos *insights* seminais fornecidos pelo materialismo histórico, a soberba crítica da relação mercantil, muitos elementos das teorias econômicas, a teoria da alienação e, acima de tudo, a noção de que a liberdade tem pré-condições materiais – estas são contribuições duradouras para o pensamento revolucionário. (BOOKCHIN, 1986: 2320).¹⁷

Bookchin definiu, então, o que deveria ser preservado e reivindicado da teoria marxista. Em primeiro lugar, a proposta marxista de integrar múltiplos conhecimentos (filosofia, história, economia, política) com a proposta socialista. Essa compreensão de *totalidade* que Marx defendeu precisa ser resgatada diante da fragmentação afirmada pelo pós-modernismo. Apesar de rejeitar a associação entre socialismo e ciência que o marxismo propõe (o conceito de “socialismo científico”), a defesa de uma teoria social ampla é importante.

jogo é nivelado neste aspecto – simplesmente não é. Sempre há pessoas que têm mais experiência, ou que elaboraram suas ideias de maneira mais completa, ou que têm mais conhecimento do que outras. Aqueles que sabem menos invariavelmente recorrem àqueles que sabem mais. Já vi isto uma e outra vez - em greves, confrontos de rua, lutas sindicais, manifestações pelos direitos civis, protestos e outras ações de massas. O principal problema da organização política é como institucionalizar as relações entre aqueles que sabem mais e aqueles que sabem menos, e fazê-lo de tal forma que os líderes mais informados - e líderes existem mesmo em movimentos confederais! - não se tornem burocratas ou autoritários” (BOOKCHIN, 1999:295).

¹⁴ Tradução nossa.

¹⁵ Tradução nossa.

¹⁶ Tradução nossa.

¹⁷ Tradução nossa.

Em segundo lugar, a *lógica dialética* utilizada por Marx e Engels é fundamental para a análise social, e foi uma inspiração para Bookchin em *A Filosofia da Ecologia Social* (*The Philosophy of Social Ecology*). Murray Bookchin defende que a razão dialética, de base hegeliana, serve como contrapartida à razão instrumental, de viés positivista e popularizada pelo capitalismo e pelo Estado.

Em terceiro lugar, a *análise econômica de Marx* em *O Capital* é central para qualquer análise socialista do capitalismo atualmente. O processo de acumulação capitalista é um elemento importante para entender a sociedade, e Marx foi visionário. Por fim, Marx tentou apontar a *interdependência entre teoria e prática* em seu escrito *Teses sobre Feuerbach*, a *práxis*, visando a transformação revolucionária da sociedade.

CONCLUSÃO

Murray Bookchin reconhecia a complexidade da teoria marxista e entendia que o marxismo devia ser superado dialeticamente, com seus aspectos positivos sendo incorporados em uma nova teoria revolucionária. Ele entendia que Marx e Engels foram exageradamente otimistas em relação à Revolução Industrial e o desenvolvimento capitalista, encarando esse processo como um avanço significativo e uma etapa necessária. Como consequência, o proletariado industrial que surgia naquele período se tornava o sujeito revolucionário escolhido pela história.

Contudo, como observou Bookchin, a história não possui uma teleologia e o capitalismo não precisava ocorrer. Ao entender que a fase capitalista foi uma etapa necessária, o marxismo frequentemente flertou com posições eurocêtricas e industrializantes que menosprezaram a capacidade revolucionária do campesinato e dos povos não europeus. Além disso, o proletariado industrial não conduziu espontaneamente um movimento revolucionário e, após as guerras mundiais, se viu reduzido significativamente em seus números.

Por fim, a defesa da disputa do Estado como uma estratégia política levou ao surgimento de dois desvios burocráticos do marxismo: o bolchevismo e a social-democracia. Cada variante marxista, a sua maneira, sabotou e enfraqueceu as potencialidades libertárias das revoluções socialistas e permitiu o restabelecimento do capitalismo e da hierarquia social.

REFERÊNCIAS

- BIEHL, Janet; BOOKCHIN, Murray. *The Murray Bookchin Reader*. Black Rose Books Ltd., 1999.
- _____. *Ecology or catastrophe: the life of Murray Bookchin*. Oxford University Press, 2015.
- BOOKCHIN, Murray. *Toward an ecological society*. Black Rose Books LTD, 1980.
- _____. *Post-scarcity Anarchism*. Black Rose Books, 1986.
- _____. *The ecology of freedom*. Naperville, IL: New Dimensions Foundation, 1982.
- _____. *The Communist Manifesto: Insights and Problems*.
- _____. *Anarchism, Marxism and The Future of the Left: Interviews and Essays, 1993 - 1998*. AK Press, 1999.
- _____. *The next revolution: Popular assemblies and the promise of direct democracy*. Verso Books, 2015.
- _____. *The philosophy of social ecology: Essays on dialectical naturalism*. AK Press, 2022.